



nada transforma, e na maioria das vezes, contribui para a perpetuação das distorções sociais. Ainda temos medo de enfrentar a burocracia, das prestações de contas, dos planejamentos bem estruturados.

### Realidade que interpela e traz esperanças

Por fim, podemos dizer que as contradições demonstram nossos limites, mas também muitas potencialidades. A sociedade catarinense reflete o estilo do mundo atual em que predominam o efêmero, a satisfação imediata, numa “cultura individualista, dissociada dos valores e da ética, que está gerando uma cultura de morte.”<sup>23</sup> Tal postura é evidente na absurda desigualdade social, na má distribuição da renda e dos bens produzidos socialmente. Cada vez mais as palavras de Puebla se tornam atuais: “o luxo de alguns poucos converte-se em insulto contra a miséria das grandes massas”<sup>24</sup>. E as feições sofrendores do Cristo nos interpelam a cada dia:<sup>25</sup> feições de crianças golpeadas pela pobreza ainda antes de nascer; feições de jovens desorientados e frustrados; feições de indígenas e afro-descendentes vivendo segregados e em situações desumanas; feições de agricultores e agricultoras sem terra; feições de desempregados e sub-empregados; feições dos moradores de rua; feições de doentes e idosos nas filas esperando por atendimento; entre tantas outras.

“Por outro lado, nosso olhar de fé e de esperança também constata aspectos positivos dessa mudança cultural. Entre outros, aparece o valor fundamental da pessoa, de sua liberdade, consciência e experiência, bem como a busca do sentido da vida.”<sup>26</sup>”

Apesar da fragilização que sofre nos últimos tempos, a família ainda é um grande espaço de convivência e formação, que, evidentemente, vai se moldando aos novos tempos. Podemos ainda apontar outras oportunidades no campo da educação e da cultura, da vida comunitária, da organização popular, dos projetos sociais e de fortalecimento da cidadania, acreditando que vida sempre vencerá a morte.

#### Endereço do Autor:

Rua Fernando Mendes de Souza, 76 – Centro  
88025-152 Florianópolis, SC  
roberto.iunskovski@unisul.br

<sup>23</sup> CNBB Doc 87, 19.

<sup>24</sup> Conclusões de Puebla, 28.

<sup>25</sup> Idem, 31-39.

<sup>26</sup> CNBB Doc 87, 20.



**Resumo:** Há uma construção única, que é a vida, em todas as suas formas e ansejos. Há um único serviço, que é o serviço à vida, para que ela seja feliz. É para isso que todos e todas são chamados a realizar, num único poder, o plano de Jesus, que é vida em abundância para todos e todas (Jo 10,10).

**Abstract:** There is one presentation of life in all of its forms and desires. There is one service to be rendered, which is the service for the benefit of life for its happiness. For this purpose all are called to render whatever is in their power to convert to reality the project of Jesus which is a life of all its fullness for all concerned (Jn 10:10).

## A dignidade do leigo

Moacir José Albuquerque\*

\* O autor é leigo engajado nos serviços pastorais, animador e assessor de Grupos Bíblicos em Família e Comunidades Eclesiais de Base.



## No início era assim

Desde os primórdios da era cristã, a entrada e a acolhida das pessoas na comunidade eclesial são celebradas com e no sacramento do batismo, onde se passam e se realizam as palavras de Jesus: “Vão e façam com que todos os povos se tornem meus discípulos, no espírito santo, observando tudo que eu lhes ensinei. E eu estarei com vocês todos os dias até o fim dos tempos” (Mt 28,19-20).

Neste sentido, a missão de todos, leigos e leigas, ordenados, religiosos e religiosas, povo de Deus na construção do Reino, com a mesma dignidade, nasce da experiência do batismo. Que, por sua vez, é a experiência da vida, da paixão, da morte e ressurreição de Jesus Cristo (Rm 6,1-11). É aí que habita toda a plenitude do agir cristão: amor-misericórdia.

A vida do batismo está implantada, enraizada e alicerçada no amor que nasce da Trindade (cf. Ef 3,14-21). Este amor reveste todas as pessoas, indistintamente e com a mesma dignidade, de um sentido e uma força transformadora e unificadora.

Enraizada no batismo e na vida da Trindade, toda pessoa é criada, chamada, ungida e enviada a ser profeta, com ardor renovado, e atualizando em seu tempo a missão de Jesus. É daí que nasce a Igreja, e foi assim que a Igreja de Cristo caminhou por muito tempo, como povo de Deus organizado, no anúncio da Palavra, no serviço e no atendimento aos necessitados, exercitando a misericórdia (At 2,42-44). É assim que tem de caminhar a Igreja no mundo e em nosso Regional, como povo de Deus assumindo com dignidade a missão.

## O que mudou na Igreja e na vida dos leigos e leigas

Em nossa Igreja, o segundo milênio é conhecido como o movimento de deslocamento do pólo, do leigo para o clero, desencadeando um processo de dominação e de imposição da hierarquia sobre os outros membros do povo de Deus.

O crescente poder dos senhores feudais sobre a instituição Igreja na escolha dos seus hierarcas, nos procedimentos eclesiásticos, explica um pouco essa maneira de agir da Igreja, dentro da história e até os dias de hoje.



Criou-se a idéia, a partir daí, de uma Igreja sociedade organizada, uma instituição fundada por Jesus, que se imponha à humanidade sem que esta possa mudá-la em nada.

A partir dessa eclesiologia, Jesus fundou a instituição Igreja com toda a sua estrutura – tudo o que constitui a instituição viria de Jesus, ou dos delegados escolhidos por ele.

Nesse modelo, os cristãos leigos e leigas dependem totalmente da instituição e, diante dela, são receptores passivos.

Belarmino compara a Igreja ao reino da França. A Igreja é considerada semelhante ao Estado. E, como o Estado, ela é uma instituição e realidade feita de leis e relações de dependências. A Igreja se mantém através de leis atribuídas ao próprio Deus (conforme Comblin).

Nessa instituição, o elemento ativo é o clero – contingente auxiliar do papa. Os leigos são elementos passivos, que devem obedecer ao clero. E esse se constitui em vista da salvação e do progresso da Igreja.

Notemos que até hoje a imensa maioria do clero e dos leigos, quando ouvem a palavra Igreja, pensam “clero”. Mesmo depois do Concílio Vaticano II. E aí nós podemos constatar que as reformas do Concílio de alguma forma ficaram muito superficiais.

Por essa eclesiologia, para o povo, a Igreja é identificada com o Papa, os Bispos, juntamente com o clero, e os religiosos. Os leigos e leigas não sentem a Igreja como própria, como “nós”.

## O novo sob o protagonismo dos leigos e leigas – principalmente as mulheres

Com o fato do Concílio Vaticano II e a sua memória, *Lumen gentium*, e a eclesiologia das Ceb's, há uma proposta clara e definida de um novo modo de entender e ser Igreja, na América Latina, no Brasil, em nosso Regional e no mundo.

Da imagem de Igreja como sociedade perfeita, apreciada desde o Concílio de Trento em sua dimensão jurídica e institucional, centrada no clero, passa-se para a imagem e um novo jeito de ser Igreja: povo de Deus inserido na história, num sacerdócio comum dos fiéis (LG 9b).

A partir do Concílio Vaticano II, a grande mudança histórica da Igreja está, pois, em deixar de ser considerada como hierarquia, para ser



considerada como Igreja de comunidade de crentes, resgatando a igualdade fundamental da missão, que é a cidadania batismal (LG 13-17).

Mas é na eclesiologia das Ceb's que a base laical da Igreja abre novos horizontes para pensar as relações dos fiéis. É assim que, durante as últimas décadas, o modelo de Igreja Ceb's tem dado origem a uma série de serviços e ministérios leigos, encarnados na vida da comunidade e da sociedade. E nesse sentido temos que destacar também a presença expressiva das mulheres nos ministérios e serviços da Igreja e da sociedade.

Outro fato interessante da vida dos leigos na Igreja a partir das Ceb's é que a maioria das pessoas são pertencentes às classes populares, expressando assim uma valorização legítima e intensa das pessoas que, na sociedade e na Igreja, por serem pobres, não são valorizadas.

Por outro lado, os serviços e ministérios leigos nas Ceb's propiciam uma maior autonomia da comunidade em relação ao clero.

Com a mesma dignidade – leigos e leigas, clero, religiosos e religiosas, o povo nas Ceb's –, a Igreja na América Latina e no Brasil e em nosso regional está reconstruindo uma ação evangelizadora, na dimensão: libertadora – participativa – ecumênica – igualitária – celebrativa – ministerial, inspirada pelo Espírito Santo no modelo da Trindade e na luz da Palavra de Deus, ligando fé e vida.

Há vinte e cinco anos, em 1982, os bispos do Brasil publicaram um documento em que caracterizam as Ceb's como grupo de pessoas de tamanho humano. O ponto de convergência desse jeito de ser Igreja é a Palavra de Deus lida a partir da realidade da vida, caracterizando-se pela partilha das decisões e serviços entre irmãos e irmãs leigos e leigas, clero, religiosos e religiosas. Daí emergem os diversos ministérios e carismas, tornando toda a comunidade mais responsável na construção do Reino.

Em nossa Igreja de Santa Catarina, a 37ª Assembléia Regional de Pastoral (CNBB/SUL IV) aprovou em suas Diretrizes da Ação Pastoral Evangelizadora avançar na caminhada das Ceb's com ministérios leigos, celebração litúrgica, catequese e serviços, tendo como prioridade os grupos bíblicos reflexão/família, a caminho das Ceb's, modelo de Igreja ministerial, incentivando a organização dos Conselhos de Pastoral Comunitário (CPC), Conselho Pastoral Paroquial (CPP), Conselho Diocesano de Pastoral (CDP), Conselho Regional de Pastoral (CRP). Dessa forma,



descentraliza-se o poder concentrado no clero e em pequenos grupos, ntensificando também o processo de formação de lideranças leigas e agentes de pastoral, na linha do discipulado.

### Desafios ao modelo de Igreja leiga – povo de Deus

Os desafios presentes na história da Igreja e, ainda hoje, em relação aos leigos e leigas são:

- A indiferença por parte de muitos e a estrutura de poder do modelo paroquial.
- O interesse por parte de muitos que rechaçam qualquer possibilidade de ocorrer uma renovação da estrutura do modelo paroquial de nossa Igreja, que centralizada ainda e em muito o poder nas mãos do padre, impossibilitando o desenvolvimento de uma Igreja ministerial e participativa e inibindo a ação de nossos leigos e leigas e de nossos Conselhos.
- Rever a formação de seminaristas (clero), que estão sendo preparados para atuar dentro dessa estrutura obsoleta que é a paróquia.
- A necessidade de nossos religiosos e religiosas se desvincularem da estrutura desse modelo paroquial.
- Dar-se conta de que a paróquia, na sua forma atual, é feita para conservar, ajudar, promover as pessoas que participam do culto, que pertencem a uma pequena minoria dos que já estão no templo. A paróquia está organizada ao redor dos sacramentos e festas litúrgicas, não vai para o meio do mundo.
- Superar esse modelo paroquial, que está a serviço de si próprio (cf. Manoel Godoy e Doc. Aparecida), embora não se possa negar a boa intenção de muitos párocos.
- Intensificar um projeto de formação de lideranças leigas, agentes de pastoral, etc. para nosso Regional, na linha dos discípulos e discípulas de Jesus, acentuando a leitura popular da Bíblia.
- Fazer com que os leigos e leigas, povo de Deus, não sejam objetos, mas, sim, sujeitos da evangelização, deixando de ser somente serviçais e tapa-buracos em nossas comunidades e em nossa Igreja.



- Resistir à tentação de voltar a um certo tipo de eclesiologia e espiritualidade contrário à renovação do Concílio Vaticano II e às Ceb's.

### Conclusão

Concluo dizendo que homens e mulheres, povo de Deus, todos e todas com a mesma dignidade são enviados por Jesus em missão, para anunciar a boa nova a todos os povos (Lc 10,1-5), sem que seja necessário o requisito de autoridade ou saber, mas somente a coragem, o entusiasmo e a disposição pela caridade. E tudo que ligarmos na terra será ligado no céu (Mt 18,18-20).

Espero que em toda a Igreja, como também em nosso Regional, o leigo e principalmente a leiga, que são quem de fato pisa no dia-dia o chão de nossas comunidades, sejam valorizados e valorizadas como sujeitos da evangelização. E que assim, em nosso Regional, a Igreja possa ser mais ministerial, mais participativa, mais celebrativa, mais ecumênica, mais missionária e mais libertadora.

#### Endereço do Autor:

Rua Paul Percival Harris, 136 apto: 204  
Estreito –  
8807-015 Florianópolis, SC  
E-mail: moacir.colibri@gmail.com



**Resumo:** Sem dúvida, são inesquecíveis os vinte e cinco anos em que convivo com os diáconos permanentes, como seu formador na Arquidiocese de Florianópolis e diretor da Escola Diaconal São Francisco de Assis. Não foram menos felizes e enriquecedores os encontros em nível nacional, latino-americano e internacional dos quais participei, pertencendo à Comissão dos Ministérios da CNBB e do Celam. Todos esses eventos deram-me uma ampla visão da realidade do diaconato permanente, e contribuíram para preciosas reflexões. As considerações que seguem têm por objetivo, num primeiro momento, resgatar momentos da restauração e da importância do diaconato na Igreja do Concílio Vaticano II, como também esboçar traços fundamentais da diaconia na Igreja. Creio que o mais importante não é determinar em que setores e situações deve o diácono atuar, mas, acima de tudo, o espírito que deve orientar sua diaconia.

**Abstract:** In a retrospective glance over a period of twenty-five unforgettable years of convivial experience among permanent deacons, the author offers his view while he acted as instructor in the Archdiocese of Florianópolis and director of the School of Deacons "Saint Francis of Assisi". Not to mention the events of national, Latin American, and international ambit organizes by the Committee of Ministries of CNBB and CELAM, all of which were full of great significance. Some considerations outlined below are intended to offer a wide scope of continuing development and growth so as to stress the importance of the ministry of diaconship in the Church following the guidelines of the Council of Vatican II. The author believes that more important than tracing various sectors and situations where the deacons are to be engaged in the service of the Church is to acknowledge the basic trend and underlying spirituality which should serve as guideline for diaconship.

## O Diaconato Permanente em foco

Pe. Valter M. Goedert\*

\* O Autor é Doutor em Teologia Sistemática e professor de Liturgia e Sacramentos no ITESC.